

## RELAÇÕES DIALÓGICAS DO/NO (CON)TEXTO ESCOLAR: AS VOZES QUE CONSTITUEM O TEXTO DOS ALUNOS

Lídia Maria Ferreira de Oliveira  
Linguagem, Subjetividade e Cultura  
7 – Cultura, Linguagem e Arte

Há quatorze anos venho trabalhando de modo sistemático com leitura e produção de textos com meus alunos, do pré-vestibular e do ensino médio, e prestando muita atenção às suas produções escritas – no pré-vestibular era professora de redação, e na escola de ensino médio, além das produções dos alunos nas aulas de português e literatura, mesmo quando não trabalhei com disciplinas exclusivas de produção de texto, tive, e tenho, aulas destinadas para esse fim. Tenho observado e participado da luta que travam para se constituírem produtores de seus textos.

Suas produções parecem querer trazer à tona tanto um tipo de escrevente reconhecido pela sociedade, quanto o sujeito dono do próprio texto, o que configura, de alguma maneira, um movimento de aceitação pelos seus pares, como, também, um movimento de autoria. A consciência dos modelos é clara, e a tentativa de imprimir identidade ao próprio texto, também.

A partir de um episódio em sala de aula, quando conversávamos sobre o que era estudar língua portuguesa, os alunos fizeram uma distinção que me remeteu a uma categorização sobre o estudo da língua: aprender a escrever – escrever as palavras corretamente, a utilizar a pontuação, fazer concordâncias etc.; aprender a fazer redação – escrever de acordo com um modelo bem determinado: é necessário que a redação tenha introdução, desenvolvimento e conclusão, um determinado número de linhas, tema determinado etc.

A redação há muito deixou de ser um modo de redigir, o que implicaria o posicionamento do sujeito frente à atividade da escrita, para ser apenas um *“trabalho ou exercício escolar que versa sobre um assunto dado, ou de livre escolha, e se destina a ensinar o aluno a redigir corretamente, com seguimento lógico de idéias”* (FERREIRA, 1466). Redigir corretamente, especialmente na escola, tem sido utilizar uma fórmula, inclusive com uma lista de palavras apropriadas que se deve usar nessa ocasião, de modo que versar sobre um assunto é a última coisa com que se ocupa – quando se ocupa – aquele que vai escrever uma redação. A preocupação é encaixar as palavras “apropriadas”, normalmente oriundas de um quadro de referências estranho àquele que escreve. Dessa forma, escrever torna-se,

mesmo, uma atividade sem sentido, e isto porque o sujeito não se reconhece dentro daquela discursividade tida como a correta para esse tipo de texto, além desse modelo praticamente inviabilizar a possibilidade de diálogo, uma vez que, para que este se estabeleça, é necessário que um eu e um tu, situados no mundo, se instaurem.

Uma das questões que se precisa investigar diz respeito justamente a este tu. Geraldi (2004) dá pistas quando diz que *“na redação, não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve ao professor a palavra que lhe foi dita pela escola”*. Mas considerar que o jogo discursivo do texto escrito na escola só se dá por esta regra, talvez seja desconsiderar as tensões e os conflitos, também constituintes, das práticas de linguagem; é desconsiderar as forças centrífugas que se opõem às centrípetas. A escola é o lugar da conservação, mas também da transgressão.

Não se pode negar a tendência ao monologismo no principal tipo de texto praticado na (e pela) escola, a saber, a redação escolar e suas variantes; no entanto, não podemos perder de vista que ele se constitui de modo heterogêneo; heterogeneidade esta comprovada, por exemplo, entre oralidade e escrita, em pesquisa realizada por Corrêa (2004). Aliás, nas conclusões, o autor comenta sobre a necessidade de reintrodução de *“um outro discurso sobre a escrita, rarefazem-se no modelo abstrato que se institucionalizou para ela”*.

Mesmo concordando com Geraldi (Op.Cit), quando esse fala da “função-aluno” que escreve para uma “função-professor”, não se pode perder de vista a complexidade do processo de produção do texto escrito. E é justamente esta complexidade, a partir do outro, das vozes que constituem os textos dos alunos que se pretende entender nesta investigação, tendo como *objetivo geral compreender quem é o outro(s) para quem o aluno enuncia, através do texto escrito, na escola.*

Em pesquisa realizada anteriormente, interessou-me *compreender algumas variáveis que contribuem para que, de maneira geral, a escola esteja formando decodificadores e fazedores de redação ao invés de leitores e produtores de texto*, tomando como principal ponto de observação as concepções de leitores e produtores de texto. Neste percurso, com uma certa complexidade, conviviam tanto o “fazedor de redação” quanto o produtor de texto, deixando, assim, um rastro a ser seguido, não para buscar o produtor de texto, mas para tentar compreender como ele se constitui.

A hipótese é que a heterogeneidade de vozes que constituem o texto escrito dos alunos extrapola, e muito, as “vozes escolares”, ou seja, o diálogo (ou diálogos) travado a partir dos enunciados que constituem o texto dos escreventes não são apenas aqueles legitimados pela

escola, mas também aqueles nos quais os escreventes estão mergulhados, que, em geral, são os que refletem melhor suas experiências, seus vividos, e, desse modo, ainda que o leitor potencial de seu texto seja o professor, estão inscritos ali outros com quem ele dialoga.

Como o outro-professor constitui o texto do aluno? Que outros constituem o texto dos alunos? Como os alunos se constituem em seus próprios textos? Como a dimensão da alteridade é considerada no contexto do processo da produção textual?

Para responder a estas questões – e a outras que poderão surgir ao longo da pesquisa – pretendo investigar o que denomino de algumas etapas do processo de produção do texto dos alunos: aulas, grupos de estudos (se houver), além do próprio produto (em processo), a saber, o texto final dos alunos. A pesquisa será realizada em uma escola de ensino médio, e é a minha própria inserção nessa seara que, principalmente, determina essa escolha.

Raras são as pesquisas voltadas para a produção de textos em fases posteriores à alfabetização, portanto, compreender os processos de produção de textos na escola, em especial no ensino médio, é de suma importância, não só porque vivemos em uma sociedade em que, para circular, um indivíduo precisa conhecer e, de preferência, ter grande habilidade com a escrita, mas também porque é a produção da escrita legítimo espaço de produção de conhecimento e constituição do sujeito. Além disso, outro dado que torna tal pesquisa relevante é o fato de que é a escola a principal agência de letramento de nossa sociedade, sendo, desse modo, absolutamente importante entendermos como se dão os processos de produção de texto (oral e escrito) no seu interior.

Palavras-chave: Produção de textos; alteridade, diálogo

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. (2003). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes
- \_\_\_\_\_. (V. N. Volochínov) (1995). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. (2004). *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FRANCHI, Carlos. (1977). Linguagem – Atividade Constitutiva. *Em: Almanaque 5 – Cadernos de Literatura e Ensaio*. Editora Brasiliense, pág. 9-27.

GERALDI, João Wanderley. (Org). (2004). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática.